

O ÚLTIMO POEMA DE ABEL

*Rita de Cássia de Araújo Almeida**

* Psicóloga. Psicanalista. Mestre em Educação pela UFJF. Membro da equipe técnica do CAPS Casaviva de Juiz de Fora/MG. Coordenadora do CAPS Casaberta de Lima Duarte/MG. Supervisora clínico-institucional do CAPS de Juiz de Fora/MG. Endereço: Rua Paraisópolis, 154/02 Manoel Honório. Juiz de Fora/MG, 36 051-530. Email: rcaalmeida@ig.com.br; ritalmeida2005@oi.com.br.

O suicídio é quase sempre muito mal visto em nossa sociedade, especialmente no mundo ocidental. Apenas o suicídio heróico, daquele que se sacrifica em nome de um bem maior, é valorizado, muito presente nas telas de cinema. Na maioria das vezes, sempre que ouvimos falar de alguém que deu fim à própria vida, nossas conclusões transitam por duas possibilidades de entendimento: ou se tratava de um doente ou de um covarde.

Abel não se encaixa a nenhuma destas três assertivas: não foi um herói, não foi um doente e não foi um covarde. Não pretendo aqui explicar o derradeiro ato de Abel, certamente, nem mesmo ele saberia explicar o porquê de sua decisão, afinal, não há palavras... Entretanto, posso afirmar que Abel, de certa maneira, foi um sujeito como a maioria de nós: queria apenas um lugar neste mundo, no qual pudesse viver em paz e quem sabe, às vezes, ser contemplado com momentos felizes.

Tive o privilégio de ser analista de Abel, por nove meses. Ele mesmo passou a me nomear assim após a nossa primeira sessão: “sua psicanalista”. Digo privilégio, porque nunca me deparei na vida com ninguém que tivesse alcançado a profundidade existencial que Abel alcançou, e talvez nunca mais encontre alguém semelhante. Jamais ouvi palavras tão cortantes.

Logo após a morte de Abel, conversei com sua mãe e ela me perguntou com simplicidade e sabedoria: “Você já tinha atendido algum caso assim como o do Abel?” “Não, D. Georgina, - eu respondi - nunca.”

Abel explicava sua maneira de ver o mundo da seguinte forma: “Enxerguei coisas demais, coisas que ninguém deveria enxergar, agora não posso voltar atrás.” E era verdade, Abel enxergava o mundo como poucos ousaram enxergar, por isso denunciava com ironia e sarcasmo todos os semblantes e símbolos que inventamos para viver a vida de modo suportável. Escutar Abel era um desafio, doloroso e desconcertante. Ele parecia arrancar de cada palavra seu significado mais cru para me oferecer, juntamente com sua alma retalhada e

seu enorme sorriso. Sim sorriso... É curioso, mas Abel sempre tinha no rosto um sorriso do tamanho do mundo, de uma franqueza que assustava. Seu sorriso apontava a exata dimensão do engano para quem tentasse circunscrevê-lo sob o rótulo de um “deprimido” ou “um melancólico”. Diante do seu sorriso eu várias vezes me perguntei: Como alguém com um sorriso tão largo e intenso pode estar tão decidido em dar fim à própria vida?

Certa vez, Abel me perguntou se eu o entendia, respondi a ele que não estava ali para entendê-lo e sim para escutá-lo, percorrer com ele o caminho que propunha a cada encontro nosso. E foi o que tentei fazer: caminhar com Abel pelos caminhos que ele escolhia, incluindo os caminhos da morte; os mais presentes.

Os atendimentos iniciaram após a sua primeira tentativa de suicídio, e encerraram com seu ato final, nove meses depois. De fato, eu procurava não ter a pretensão de entender Abel, e a ética da psicanálise nos avisa sobre o perigo de cairmos nesta armadilha do entender. Entender alguém é limitá-lo ao nosso próprio universo, às nossas próprias razões e preconceitos, e cair neste engodo seria atropelar a singularidade de Abel.

Abel foi um sujeito raro, dono de uma sagacidade e uma inteligência que poucos alcançam. Apesar de sua origem humilde e de morar em uma zona rural onde o acesso a um certo universo cultural seria quase impossível, Abel era capaz de discorrer sobre os clássicos da literatura, citar grandes poetas, filosofar à partir os grandes filósofos e criar seus próprios poemas. Abel amava música clássica e tinha fascínio por literatura. Ler para ele era fundamental e escrever algo que não podia evitar. “Eu escrevo porque não tenho escolha” - dizia ele.

Abel se definia como alguém que não possuía armadura para viver, por isso as coisas lhe doíam demais. As tragédias e misérias, existenciais e cotidianas lhe atravessavam a alma, numa dor que ele chamava de tortura: “Eu sou torturado todos os dias, isso é insuportável.”

Me lembro que, numa de suas tentativas de suicídio, Abel cortou os pulsos, e como foi socorrido a tempo, levou pontos que ainda não estavam cicatrizados quando tentou novamente cortá-los. Perguntei a ele se não tinha sentido dor, cortando por cima da ferida aberta e ele me respondeu sarcasticamente: “Você não sabe o que é dor, a dor do corpo não é nada comparada a dor que eu sinto na alma.”

Sim, é verdade, a grande maioria de nós sequer passou perto de uma experiência assim, de uma dor verdadeira. Chamo a dor de Abel de verdadeira porque não se tratava de uma dor do ego, do si mesmo. Abel jamais lamentou, não se considerava um coitado, digno de pena, seu sofrimento não tinha aquele tom comum do: “Veja como eu sofro?” “Veja como sou pouco amado?” A dor de Abel era uma dor universal, como se as dores do mundo inteiro lhe atravessassem a alma. Mas isso não fazia de Abel um desesperado, ao contrário, seu sofrimento era acompanhado de uma notável dignidade e um cortante senso de humor. Sim, Abel era capaz de rir de si mesmo e de sua trágica escolha.

“Sorrio da minha própria desgraça/ Já que ela é inevitável e não passa/ E me divirto com minha solidão interior.” Diria ele em um dos poemas que deixou comigo.

O que Abel me ensinou é que a imensa maioria de nós inventa dores e amores para criar um sofrimento superficial e suportável, e recobrir o sofrimento real da existência o qual nós recusamos a enfrentar. Mas Abel não alimentou tal engano e enfrentou o inferno e seus demônios sem máscaras ou armaduras. Máscaras e armaduras são ferramentas indispensáveis para vivermos nesse nosso mundo, ferramentas que Abel recusou, afinal foi capaz de enfrentar a vida de peito aberto e cara limpa, suportando por vários anos o que a maioria de nós não suportaria nem mesmo cinco minutos. Abel não se contentou em seguir a boiada e pagou caro por isso, mas não se rendeu e prosseguiu com sua forma singular e solitária de estar neste mundo.

No meu entendimento Abel não foi um doente mental, “um deprimido”, como geralmente o consideravam (e nem mesmo ele se considerava assim). Para mim Abel foi um poeta, um poeta fantástico, que certa vez poetou em uma sessão: “Se eu não posso ser feliz, só me resta ser poeta.” Este foi o único lugar que Abel conseguiu para estar neste mundo que ele considerava tão insuportável, mas lamentavelmente sua poesia não foi suficiente para abrir para ele uma outra saída que não a morte. Quando digo que lamento, lamento por nós que não podemos mais ter acesso à sua maravilhosa poesia. Sim, Abel foi um poeta, que escolheu quando acabar com sua vida e sua obra.

Sei que soa estranho dizer que alguém tenha decidido morrer, isso parece inconcebível, mas era assim que Abel via a morte: como uma escolha, uma saída possível para o seu tormento. Certa vez Abel me disse que há alguns dias tinha decidido que não ia mais tentar se matar, e me confessou: “Você vai achar estranho, mas depois disso fiquei muito pior, antes eu tinha uma saída – a morte – agora não tenho nada.”

Ao encontrar com a mãe de Abel, dias depois da sua morte, ela me confessou desconcertada: “Naquele dia, horas antes de Abel fazer o que fez, ele estava muito feliz, eu nunca tinha visto meu filho tão feliz.” Sim, D. Georgina, mesmo que jamais compreendamos ou aceitemos Abel enfim encontrou sua saída, aquela que já havia escolhido há algum tempo.

No momento que eu soube da morte de Abel e da maneira como foi, o primeiro pensamento que me veio foi: “Ele afinal conseguiu o que queria.” Em seguida veio uma sensação de imenso fracasso, de não ter conseguido evitar o que eu, no fundo, sabia que iria acontecer mais cedo ou mais tarde. E imediatamente me veio a pergunta: Será que eu poderia ter feito alguma coisa, diferente do que eu fiz, para evitar a morte de Abel? Esta pergunta certamente me acompanhará por muito tempo, mas desejo que ela seja apenas resultado da saudade que sinto de Abel, de nossos encontros, de sua poesia, de seu sorriso franco e de sua presença marcante.

No decorrer da análise de Abel, algumas vezes, saindo da minha posição de analista, fiz intervenções de mestria, no sentido de persuadir Abel a não se matar. E ao intervir assim me perguntava se não o fazia por mim, preocupada com minha própria imagem profissional, que certamente seria abalada caso Abel suicidasse. Sendo assim, não quero e não posso desejar que Abel não tenha se matado simplesmente para alimentar meu narcisismo, de ser sua analista, para negar meu fracasso em evitar sua morte.

Se a ética da psicanálise nos afasta do equívoco de conduzir uma análise em torno dos nossos próprios ideais e concepções, então é necessário que a escolha de Abel seja respeitada, e considerada como uma saída possível, digna e bela. Não estou aqui, pretendendo fazer louvor à morte ou apologia o suicídio, para mim a vida continua sendo nosso bem maior, e defendendo-a sempre, todavia não posso determinar que ela seja uma saída para todos.

Ao discutirmos este caso em uma supervisão clínica do CAPS onde Abel se tratava, relatamos ao supervisor, o fato de Abel ter utilizado uma arma de fogo na sua última, e desta vez, bem sucedida tentativa de suicídio e do quanto nos intrigava o fato dele ter conseguido tal arma. Por concluir que Abel não teria condições financeiras e nem capacidade prática de comprá-la, fomos interpelados pela possibilidade de que alguém lhe tivesse dado tal arma; um amigo talvez. Mas uma colega de equipe afirmou: “Mas um amigo, sabendo de sua inclinação, jamais lhe daria uma arma.” Ao que o supervisor respondeu: “Ao contrário, somente um verdadeiro amigo seria capaz de lhe dar aquela arma.” Mais tarde, fui compelida a concordar com esta observação. A arma continua sendo uma grande interrogação para o caso, mas de fato, concordo que uma pessoa que conhecesse Abel e seu intenso sofrimento e o amasse de verdade seria sim capaz de lhe dar uma arma. Alguém que o amasse tanto ao ponto de escolher suportar, pelo resto da vida o remorso de tê-lo possibilitado realizar seu desejo, seu ato derradeiro.

Sempre dissemos que alguém merece morrer quando se trata de uma pessoa que consideramos não merecer viver. Neste caso, viver seria um prêmio e morrer o castigo. Hoje inverteremos esta proposição para concluirmos que afinal Abel não merecia viver, pois que, viver era para ele uma tortura. Ao contrário, penso que Abel mereceu morrer, porque esta foi sua libertação.

Adeus Abel, meu desejo é que você tenha encontrado a paz e a liberdade que tanto procurava. Foi um privilégio encontrar com você nessa vida.

Encerro essa carta com as maravilhosas palavras do nosso poeta Abel:

Auto-análise

Na bestialidade do meu portento
Há o objetivo inacessível da felicidade
E nada é real e concreto nesta finalidade
Daí o tédio o vazio e o pungente tormento

No portento da minha bestialidade
Há o objetivo utópico do meu pensamento
E o fardo da minha alma em desalento
Que não encontra em nada a minha verdade

De nada vale esta tal esperança
Quando se busca algo que nunca se alcança
Embriagado de tanta desilusão, enfim minha realidade

Não há chave, nem caminho, nem porta
Melancolicamente com a minha alma morta
Concluo que enquanto houver vida não há liberdade.

Abel suicidou-se em fevereiro de 2008, aos 22 anos, com um tiro no ouvido, após inúmeras tentativas de suicídio fracassadas. Começamos a cuidar dele no CAPS de Lima Duarte/MG, 9 meses antes de seu ato derradeiro. Abel deixou com uma amiga, vários poemas escritos, e comigo deixou três. Um deles é o citado acima que ele me trouxe na segunda sessão de análise. O poema abaixo ele escreveu um dia antes de se matar, foi encontrado, datado, dentro da agenda de sua irmã.

Anseio

Amanhã, anseio amanhã
Descobrir os segredos da vida
Hoje é uma causa perdida
E no amanhã a vida será louçã

Não a vida não é vã
Basta. Tudo me basta
Tudo nessa vida passa
Menos o saudoso amanhã

Nunca mais me desespero
Reencontrei minha esperança
E o amanhã será belo

Ah! Eu ainda sou criança
Sonhei e fantasiei o amanhã,
Quero
Novamente a felicidade da infância.

THE ABEL'S LAST POEM

LE DERNIER POÈME D'ABEL

Rita de Cássia de Araújo Almeida

Recebido em 02/03/2010

Aprovado em 19/05/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista